

A HISTÓRIA DO DIREITO NO MERCADO COMUM DAS CIÊNCIAS DO HOMEM: PÉRICLES E A IMAGINAÇÃO DEMOCRÁTICA

Arnaldo Moraes GODOY¹

RESUMO

Analisa fontes de imaginação histórica para com a tradição democrática em Péricles, com base em Plutarco e Tucídides. Propõe que a admiração para com o legado ático traduz manipulação historiográfica que presta-se a justificar o presente com base num passado idealizado.

Palavras-Chaves: *História do Direito. Democracia. Péricles.*

ABSTRACT

The paper analyses sources of historical imagination towards the democratic tradition in Pericles, out of texts from Plutarch and Thucydides. The paper sets out that the admiration to Greek legacy renders historiographical manipulation that justifies the present on a idealized past.

Key Words: *Law History. Democracy. Pericles.*

O mercado comum das ciências do homem² caracteriza temas jurídicos e políticos como disciplinas de alto sabor literário. O presente artigo

⁽¹⁾ Procurador da Fazenda Nacional de Categoria Especial. Doutor e Mestre em Filosofia do Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Diplomado em Direito Internacional pela Academia de Haia, Holanda.

⁽²⁾ A expressão é de Fernand Braudel, *Escritos sobre a História*, pág. 84.

propõe-se afirmar que excertos de democracia que informam o direito constitucional e a ciência política, a propósito da apoteose do ateniense Péricles, têm origem literária, centrada em textos de Plutarco (século II d.C.) e de Tucídides (século V a.C.) . Firme em Kant, o artigo protesta pelo relativismo na historiografia jurídica, dado que o conhecimento efetivo do passado pode ser inatingível, circunscrito que está ao ponto de vista daquele que o investiga³. Trata-se de inventariar a apropriação que a tradição ocidental fez dos historiadores gregos⁴, exercício universal de memória seletiva, que despreza a produção helênica após Alexandre⁵, glorificando o mundo ático, no qual pontificou Péricles, cujas falas reconstruídas oxigenam reflexões em torno da retórica⁶, do uso social da linguagem⁷, do idioma grego⁸, da idéia de cidadania⁹, da história do pensamento político¹⁰; Péricles é tomado por historiografia tradicional, que permeia a história do direito como ponto de inflexão de crítica documental erudita¹¹.

Plutarco e Tucídides estão entre os historiadores gregos que contribuíram para a idealização de Péricles, estadista ateniense que viveu de 500 a 429 a.C.. Péricles era reputado como homem de caráter forte, sóbrio, incorruptível e reservado¹². Sua honestidade fora apropriada por Maximiniano Robespierre, líder da Revolução Francesa, na descrição de Thomas Carlyle¹³. Os pensadores iluministas tinham Atenas em mais alta conta¹⁴, o luxo da cidade teria produzido grandes homens¹⁵, Péricles teria sido um exemplo deles, a inspirar a opção política.

Com base nesses historiadores antigos, Paul Harvey diz-nos que Péricles dominara Atenas graças a oratória persuasiva e caráter forte¹⁶.

(3) Rogério Forastieri da Silva, *História da Historiografia*, pág. 44.

(4) Jeanne Marie Gagnebin, *Sete Aulas sobre Memória e História*, pág. 15 e ss.

(5) Ernst Breisach, *Historiography*, pág. 250.

(6) George A. Kennedy, *A New History of Classical Rhetoric*, pág. 21.

(7) Peter Burke e Roy Porter, *História Social da Linguagem*, pág. 141 e ss.

(8) Geoffrey Horrocks, Greek, *A History of the Language and its Speakers*, pág. 24 e ss.

(9) François Châtelet, *História das Idéias Políticas*, pág. 20.

(10) Richard Tuck, *História do Pensamento Político*. In: Peter Burke, *A Escrita da História*, pág. 272 e ss.

(11) Ciro Flamarion Cardoso, *Uma Introdução à História*, pág. 45 e ss.

(12) Paul Harrey, *Dicionário Oxford de Literatura Clássica*, pág. 388.

(13) Thomas Carlyle, *História da Revolução Francesa*, pág. 341.

(14) Marco Antônio Lopes, *Voltaire Historiador*.

(15) Maria das Graças de Souza, *Ilustração e História*, pág. 86.

(16) Paul Harvey, op. cit., pág. 388.

Vivera com cortesia, Aspásia, mulher de muitos encantos. Na visão romântica de Paul Harvey, ao comentar Péricles:

*Seu objetivo político era fazer de Atenas uma democracia ideal, em que houvesse equilíbrio entre os interesses do Estado e os de cada cidadão, e capaz de exercer a liderança da Grécia e ser sua escola.*¹⁷

A tradição (com base também em Plutarco e em Tucídides) credita a Péricles obras públicas de primeira grandeza (o Pártenon, o Propileus, a Grande Muralha). Péricles teria morrido de peste. As sombras democráticas de Péricles foram enaltecidas por Tucídides, que narrou a guerra do Peloponeso. Tucídides, historiador ateniense, era dono de incomparáveis qualidades literárias, militares, políticas. Para Moses Finley:

*Com seus antecedentes familiares, Tucídides indubitavelmente recebera não apenas a melhor educação disponível à época, mas também experiência em assuntos políticos e militares.*¹⁸

Tucídides transcreveu a famosa oração fúnebre de Péricles, que teria sido pronunciada por ocasião das cerimônias em homenagem aos atenienses mortos no primeiro ano da Guerra do Peloponeso; não se sabe, porém, se a descrição realmente reproduz palavras de Péricles¹⁹. O discurso fúnebre é típica invenção ateniense, tema de trabalho de Nicole Loraux²⁰, que inventaria a história da oração fúnebre na pólis clássica. A oração aos mortos, segundo a aludida pesquisa, tinha função ideológica precisa, fazendo apologia do regime.

Orações fúnebres eram pronunciadas no kerâmikos, antigo cemitério de Atenas. Recentes escavações expuseram lápides, jazigos, túmulos; o material foi transportado ao Museu Arqueológico de Atenas ou deixado no próprio local, que hoje é aberto à visita. Tais discursos são fontes importantes para estudo do romantismo que tem em Atenas o puro e acabado exemplo do modelo democrático:

⁽¹⁷⁾ Op. cit., loc. cit.

⁽¹⁸⁾ Moses Finley, *The Portable Greek Historians*, pág. 217. Tradução livre do autor. With his family background, Thucydides undoubtedly received not only the best available education, but also early experience in military and political affairs.

⁽¹⁹⁾ Paul Harvey, op. cit., pág. 389.

⁽²⁰⁾ Nicole Loraux, *A Invenção de Atenas*.

(...) Não é estranho que o historiador, antes de recorrer à oração fúnebre para glorificar Atenas como pólis - modelo, sublinhe tudo o que faz dos funerais oficiais a emanação simbólica da pólis - democrática.²¹

O discurso de Péricles, como redigido por Tucídides, é amplamente divulgado no Brasil: Jaime Bruna, em compilação de Eloquência Grega e Latina²² e Agrippino Grieco, em Antologia da Eloquência Universal²³, além do próprio livro de Tucídides²⁴. A passagem é realmente memorável. Para Jaime Bruna:

Mais do que o elogio dos heróis tombados na luta, é um panegírico de Atenas e sua democracia.²⁵

É no discurso de Péricles que Tucídides insiste na idéia de Atenas como escola da Grécia:

Em suma, digo que nossa cidade, em seu conjunto, é a escola de toda a Hélade e que, segundo me parece, cada homem entre nós poderia, por sua personalidade própria, mostrar-se auto-suficiente nas mais variadas formas de atividade, com a maior elegância e naturalidade. E isto não é mero ufanismo inspirado pela ocasião, mas a verdade real, atestada pela força mesma de nossa cidade, adquirida em consequência dessas qualidades. (...)²⁶

Essa figura sólida (na imagem de Tucídides) fora ainda mais engrandecida por Plutarco, que assim narra o nascimento do plecaro ateniense:

Agariste sonhou que paria um leão e alguns dias depois pôs no mundo Péricles, o qual, ainda que bem feito de corpo, tinha a cabeça alongada e inteiramente fora de proporções. Por essa razão os artistas sempre o representaram de capacete, não querendo, parece, acusar esse defeito físico.²⁷

Plutarco esmerou-se também ao expor a educação de Péricles:

Mas o principal mestre de Péricles, aquele que mais lhe comunicou a altivez e a gravidade tão pesadas para o chefe de

⁽²¹⁾ Idem, Ibidem. pág. 40.

⁽²²⁾ Jaime Bruna (org.), *Eloquência Grega e Latina*.

⁽²³⁾ Agrippino Grieco (org.), *Antologia da Eloquência Universal*.

⁽²⁴⁾ Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso*.

⁽²⁵⁾ Jaime Bruna, op. cit., pág. 10.

⁽²⁶⁾ Tucídides, *Oração de Péricles*. In: *A Guerra do Peloponeso*, págs. 99 e 100.

⁽²⁷⁾ Plutarco, *Vidas Paralelas*, vol. 1, pág. 312.

*uma democracia; que, numa palavra, elevou e exaltou a dignidade de seu caráter, foi Anaxágoras, de Clazômenas, chamado pelos contemporâneos de 'o Espírito'.*²⁸

Ainda, vinculou à educação de Péricles seu comportamento altaneiro, superior, que fica bem demonstrado no episódio do insulto :

*Certa feita, insultado na ágora por um indivíduo de somenos, suportou durante todo o dia suas insolências, sem nada dizer e sem interromper os despachos urgentes. À noitinha, quando se recolhia, o impertinente o seguiu com palavras injuriosas. Chegado à porta de sua casa quando estava totalmente escuro, ordenou a um dos servidores que apanhasse uma tocha e acompanhasse o homem até sua residência.*²⁹

As gerações que lêem Plutarco e Tucídides ficam tocadas pelos exemplos de altivez que eles sugerem. Para os efeitos do presente artigo, não se trata de negar-se as virtudes do Péricles histórico. Elas são visíveis, palpáveis, comprovadas pelo copioso legado arquitetônico de Atenas: Pártenon, Odeon, Propileus. O Pártenon é o maior símbolo da grandeza ateniense, do século em que Péricles viveu. É reproduzido em capas de livros de direito³⁰. É um ícone. Símbolo de época que se diz admirável, o Pártenon é testemunho de seu tempo³¹. Presenciou todas as metamorfoses, transformações. Assistiu ao período helenístico, ao domínio romano, às pregações do apóstolo Paulo³², ataques de normandos, venezianos, domínio dos turcos, guerras de independência, saques do Lord Elgin³³, presença nazista, a libertação, a era

⁽²⁸⁾ Idem, *Ibidem*. pág. 314.

⁽²⁹⁾ Idem, *Ibidem*. pág. 315.

⁽³⁰⁾ Entre outros, Marcos Antônio Striquer Soares, *O Plebiscito, o Referendo e o Exercício do Poder*, além de Miguel Reale, *Experiência e Cultura*. Bases de colunas gregas também são encontradas na capa de Direito Constitucional, de Alexandre de Moraes. O desenho de um grego segurando um papiro, típica figura do orador, vem estampado na capa de *A Constitucionalização Simbólica*, de Marcelo Neves.

⁽³¹⁾ Para um acurado levantamento do dia-a-dia na época de Péricles, consulte-se Robert Flacelière, *La Grèce au Siècle de Péricles*.

⁽³²⁾ As passagens do Apóstolo Paulo na Grécia, especialmente em Atenas, podem ser estudadas em Robert S. Kinsey, *With Paul in Greece*, e em Otto F.A. Meinardus, *St. Paul in Greece*.

⁽³³⁾ O Lord Elgin foi um embaixador inglês que levou para Londres os mármores do Pártenon, que hoje encontram-se expostos no Museu Britânico. Melina Mercouri, cantora grega que fora Ministra da Cultura, liderou um movimento com o objetivo de se reconduzirem os mármores a seu local originário. Consulte-se *The Destiny of the Parthenon Marbles*, editado pelo Dr. Richard Hubbard Howland, onde se encontram os pronunciamentos feitos em Washington, D.C., U.S.A., em 13 de fevereiro de 1999, na Corcoran Gallery of Art, em jornada realizada para debater a questão dos chamados Mármores de Elgin.

dos coronéis, arqueólogos orgulhosos e soberbos, os cliques das máquinas de fotografias na era do turismo de massa. Voltemos a Plutarco:

As obras iam sendo levantadas com imponência, beleza e graça inimitáveis. Os artistas portavam em perfeição técnica, mas o mais admirável foi a rapidez da execução. Essas obras todas, das quais cada uma parecia dever exigir várias gerações sucessivas para ser completada, ficaram prontas no período mais brilhante de uma única carreira política. (...) Fídias a tudo provia e tudo supervisionara para Péricles. (...) O que não faltava eram grandes arquitetos e artistas para os trabalhos. Calícrates e Ictino construíram o Pártenon de cem pés.³⁴

Fídias é o grande nome ligado ao Pártenon³⁵. Porém, para mácula do romantismo que constrói Atenas, lembre-se que Fídias foi processado, por desvio de fundos, como informa Mário Attilio Levi, em biografia de Péricles:

Durante as obras na Acrópole, Fídias foi denunciado (438 ou 437) por ter apropriado indevidamente de quantidades de marfim adquiridas para a estátua criselefantina de Atená destinada ao Pártenon.³⁶

Ainda, segundo o mesmo Mário Attilio Levi, Fídias não enfrentara a justiça:

Fídias não enfrentou o processo, preferindo ir instalar-se no Peloponeso: não se deve ver nisso uma prova de culpabilidade, mas antes um sinal de total desconfiança na justiça ateniense.³⁷

Plutarco refere-se às ligações de Péricles com Aspásia. A tradição nos dá conta de Aspásia como célebre hetaira (cortesã) que caíra nas graças de Péricles, com quem teve um filho, que levou o nome do pai³⁸. Segundo Plutarco:

⁽³⁴⁾ Plutarco, op. cit., pág. 324.

⁽³⁵⁾ Pártenon, em grego Parthenon (“quarto das virgens”, daí quarto da virgem por excelência, sem templo), templo de Athena Parthenos, Atenas (“virgem Atena”), ou Palas Atenas, obra-prima da arquitetura grega, construído na época de Péricles sobre as fundações de um primeiro templo que a invasão persa impediu de concluir, conforme nota de rodapé em Plutarco, *Vidas Paralelas*, vol. 1, pág. 324.

⁽³⁶⁾ Mário Attilio Levi, *Péricles*, pág. 249.

⁽³⁷⁾ Idem, *Ibidem*, loc. cit.

⁽³⁸⁾ Paul Harvey, *Dicionário Oxford de Literatura Clássica*, pág. 389.

Enquanto a Aspásia, diz-se que Péricles a procurou atraído por sua ciência e sabedoria política. Também é verdade que Sócrates costumava freqüentar-lhe a casa na companhia de amigos, e que os íntimos de Aspásia compareciam com as esposas para ouvi-la discorrer, muito embora o seu trabalho fosse um ofício nada honesto ou respeitável: ela formava jovens cortesãs.³⁹

Vicki León, em obra recente de vulgarização de mulheres audaciosas da antigüidade, dá sua versão, um pouco mais ácida:

Ela traficava coisas muito mais perigosas - os atenienses realmente detestavam que uma mulher pudesse usar seu cérebro e perspicácia política para conquistar o respeito e a amizade de Péricles, Sócrates e outros homens instigadores e agitadores. Homens poderosos a procuravam - não para sexo, mas para aconselhamento sobre oratória. Aspásia também não tinha problemas no departamento de qualidades físicas; Péricles, o líder divorciado de Atenas, a adorava. Impossibilitados de se casarem, eles viviam juntos como marido e mulher e tiveram um filho, também batizado de Péricles. Pensando bem, ele a tratava melhor do que uma esposa ateniense era tratada: passando em casa duas vezes por dia para beijá-la, discutindo tudo com ela, desde filosofia até rumores do mercado, e lhe dando respeito, amor e liberdade de movimento durante duas décadas.⁴⁰

Plutarco biografou Péricles em pormenor, noticiando também sua morte:

Crê-se então que a peste o atingiu. A crise não foi, como nos demais casos, nem aguda nem violenta, lembrando antes um langor prolongado, de fases diversas, que o foi lentamente consumindo no corpo e minando na alma.⁴¹

E remata, com grande dose de subjetividade:

⁽³⁹⁾ Plutarco, op. cit., vol. 1, pág. 334.

⁽⁴⁰⁾ Vicki León, *Mulheres Audaciosas da Antigüidade*, pág. 172.

⁽⁴¹⁾ Plutarco, op. cit., vol. 1, pág. 348.

*No que diz respeito a Péricles, os acontecimentos logo fizeram ver aos atenienses o que ele valia e quão digno era de saudades.*⁴²

A biografia de Péricles, feita por Plutarco, assim como as passagens de Tucídides, contribuem na formação do Péricles idealizado, plasticamente vislumbrado numa cópia romana de estátua do político ateniense, que se encontra em Tívoli. É a imagem do estadista vigoroso, sério, devotado à pátria e à democracia. É figura recorrente na tradição ocidental (vai ser apropriado pela historiografia jurídica norte-americana) e aparece, convencionalmente, no início da tradição democrática, como anotou Michael Lind:

*A disciplina de civilização ocidental (conhecida como 'western civ' ou WC) afirmava que a história euro-americana entre Péricles e Thomas Jefferson não passara de um longo e lamentável desvio.*⁴³

O direito constitucional e a ciência política têm conjunto referencial que formata a idéia de democracia. Enquanto espaço do razoável, do político, de convencimento, a democracia cristaliza-se em instantes pretéritos, e nesse sentido Péricles vem sendo apropriado há mais de dois séculos, por intermédio de Plutarco e de Tucídides. Certa imaginação histórica metafórica e irônica, que passa por Hegel, Michelet, Ranke, Tocqueville, Burckhardt, Marx, Nietzsche e Croce, fomenta interminável sistema de referência, que presta-se a justificar a realidade presente e os projetos futuros em criações e variações do passado. O discurso político e jurídico passa a ser uma atividade literária. E isso é preocupante na medida em que a manipulação do passado passa a ser a medida da falsificação do tempo presente.

BIBLIOGRAFIA

BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a História*. São Paulo: Nova Perspectiva, 1992. Tradução de J. Guinsburg e Tereza Cristina Silveira da Mota.

BREISACH, Ernest. *Historiography*. Chicago : University of Chicago Press, 1994.

⁽⁴²⁾ Idem, *Ibidem*, pág. 349.

⁽⁴³⁾ Michael Lind, *A Segunda Queda de Roma*. Artigo, in: Folha de São Paulo, Caderno Mais, 8 de outubro de 2000, pág. 9.

- BRUNA, Jaime (org.). *Eloquência Grega e Latina*. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d..
- BURKE, Peter e PORTER, Roy. *História Social da Linguagem*. São Paulo: UNESP, 1997. Tradução de Álvaro Hattner.
- BURKE, Peter. *A Escrita da História*. São Paulo: UNESP, 1992. Tradução de Magda Lopes.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Uma Introdução à História*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CARLYLE, Thomas. *História da Revolução Francesa*. São Paulo: Melhoramentos, s.d.. Tradução de Antônio Ruas.
- CHÂTELET, François. *História das Idéias Políticas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. Tradução de Carlos Nelson Coutinho.
- FINLEY, Moses (edit). *The Portable Greek Historians*. New York: Penguin Books, 1977.
- FLACELIÈRE, Robert. *La Grèce au Siècle de Périclès*. Paris: Hachette, 1996.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Sete Aulas sobre Memória e História*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- GRIECO, Agrippino. *Antologia da Eloquência Universal*. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d..
- HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987. Tradução de Mário da Gama Kury.
- HORROCKS, Geoffrey. *Greek, a History of the Language and its Speakers*. London: Longman, 1987.
- HOWLAND, Richard Hubbard (edit.). *The Destiny of the Parthenon Marbles*. Washington: Society for the Preservation of the Greek Heritage, 2000.
- KENNEDY, George A.. *A New History of Classical Rhetoric*. New Jersey: Princeton University Press, 1994.
- KINSEY, Robert S.. *With Paul in Greece*. Nashville: The Parthenon Press, 1957.
- LEÓN, Vicki. *Mulheres Audaciosas da Antigüidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. Tradução de Miriam Groeger.

LEVI, Mário Attilio. *Péricles*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1991. Tradução de Antonio Agenor Briquet de Lemos.

LIND, Michael. *A Segunda Queda de Roma*. Artigo in Folha de São Paulo, Caderno Mais, 8 de outubro de 2000.

LOPES, Marco Antônio. *Voltaire Historiador*. Campinas: Papyrus, 2001.

LORAU, Nicole. *A Invenção de Atenas*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994. Tradução de Lilian Valle.

PLUTARCO. *Vidas Paralelas*. São Paulo: Paumape, 1991. Tradução de Gilson César Cardoso.

SOARES, Marcos Antônio Striquer. *O Plebiscito, o Referendo e o Exercício do Poder*. São Paulo: Celso Basto Editor, 1998.

SOUZA, Maria das Graças. *Ilustração e História*. São Paulo: Discurso Editorial, 2001.

TUCIDIDES. *A Guerra do Peloponeso*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1987. Tradução de Mário da Gama Kury.